



O NOVO AMANHECER DA OCUPAÇÃO: UMA NARRATIVA FOTOETNOGRÁFICA DE UMA REINTEGRAÇÃO DE POSSE

Diego Bragança de Santana¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo enunciar as tensões sociais envolvidas em um processo de reintegração de posse sucedido na região periférica da cidade de Aracaju, Sergipe. As cenas desta narrativa antropológica foram construídas sob o olhar da fotoetnografia, de modo que os registros de imagem se entrecruzam com as falas que constroem o texto, nos dando acesso amplo a memória dos sujeitos observados e suas respectivas processualidades, considerando o tempo e espaço em que os mesmos estão inseridos, onde a auto-representação, através de seus enquadramentos e selfies, cristalizam as relações entre movimentos sociais e o Estado. Os acontecimentos e elos interpessoais emergem, elucidando como são constituídas as configurações operacionais de embate social através do engajamento, militância, associativismo, lideranças comunitárias, experts, mídia, partidos e políticos. Sendo assim, esses dados nos dão o vislumbre de considerações para repensarmos categorias analíticas socioantropológicas imbricadas na composição etnofotográfica em circunstâncias bastante peculiares e conflitantes. A Sociologia da Imagem e Antropologia Visual são reveladas nesta leitura através dos registros fotográficos feitos por profissionais e suas câmeras e por amadores com seus celulares. Como consequência, esses dois olhares sobre o outro, acabam estabelecendo diferentes concepções: para quem está dentro das barricadas e para quem está fora delas.

Palavras-chave: Fotoetnografia. Auto-Representação. Movimentos Sociais.

¹ Mestre em Antropologia Social (PPGA|UFS). E-mail: arkaio@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

As linhas que se seguem abaixo são fruto da sintetização dos dados obtidos no desenvolvimento da minha dissertação de mestrado intitulada “Fotografia e Resistência na Ocupação Novo Amanhecer: existe o indivíduo em sociedade?”. Através do adiantamento da presente narrativa etnográfica, fora lançado mão de um olhar inquietante e reflexivo, no sentido de buscarmos a compreensão das significações e ressignificações que os sujeitos aqui observados davam ao exercício do poder frente a diversidade de circunstâncias em que os encaixam num contexto de vulnerabilidade social, perpetrada pelo Estado.

É com efeito, que essas análises acabam por nos trazer informações substanciais acerca do cotidiano periférico das cidades, além de nos mostrar, de maneira peculiar, como e por que os movimentos sociais e seus atores, estão posicionados, sem que sejam meras peças de um jogo de tabuleiro, de modo a avançar – por meio da reinterpretação e construção da ação coletiva – diretamente no campo social. Deste modo, os atores sociais observados neste trabalho, implementaram estratégias que se edificaram no percorrer dessa trajetória do grupo, de maneira muito bem definida, embora consideremos a constituição de um repertório de ação bastante singular se levarmos em conta o panorama da operacionalidade dos movimentos sociais que objetivam a pauta pela moradia em Sergipe.

A utilização do método fotoetnográfico e das reflexões balizadas a partir da Antropologia Visual (CAIUBY NOVAES, 2012; GODOLPHIM, 1995; ROCHA e ECKERT, 2001; SAMAIN, 2003), concebeu ao presente texto, a possibilidade de ir para além de sua contextualização da escrita antropológica, de maneira que pudéssemos obter uma segunda via de apreensão das normatizações que circulam num determinado tempo e espaço. Certamente, estes são aspecto que ampliam os horizontes analíticos para se pensar a inserção dos indivíduos nos movimentos sociais e o que reverbera das relações que são constituídas a partir desse elo.

Sobre a sua origem, a Ocupação Novo Amanhecer, se constituiu enquanto uma comunidade que comportou um aglomerado de indivíduos – que

se encontravam em situação de vulnerabilidade social – advindos de outras localidades da cidade. Estava situada no bairro 17 de Março, zona de expansão de Aracaju, Sergipe. Em seu ápice, somaram-se 311 moradias edificadas com sobras de papelão, madeira, móveis, placas de PVC, lona preta e etc. A área ocupada correspondia a um terreno da Prefeitura Municipal de Aracaju e se encontrava abandonado. Os atores sociais observados nesta pesquisa, relataram que o local estava registrado em um projeto de urbanização da Prefeitura, onde havia o espaço de uma praça.

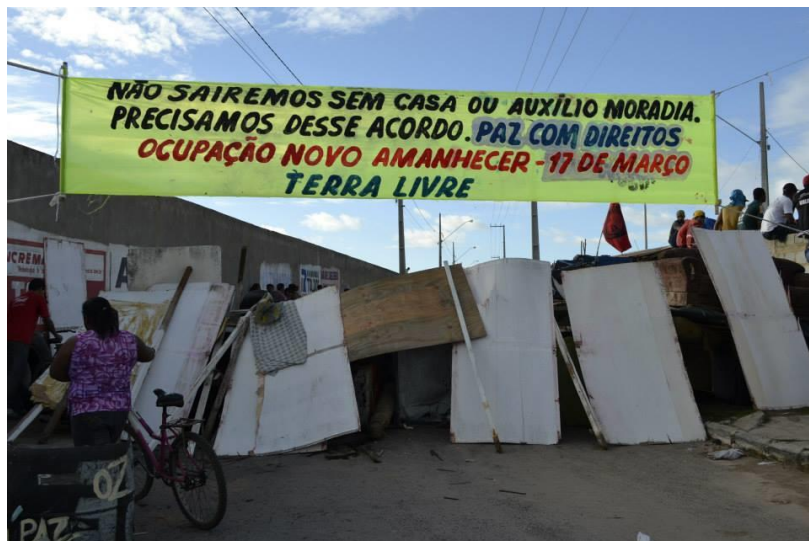


(Imagem 1: Joscivânio de Jesus, 2013)

1. REINTEGRAÇÃO DE POSSE

A grande ruptura e tensão social experimentada pelos atores desta narrativa etnográfica foi o processo de reintegração de posse ocorrido em 30 de julho de 2013. Tal acontecimento, serviu como oportunidade para que o autor deste texto tivesse o primeiro contato com a comunidade, embora o mesmo,

naquela altura de sua vida particular, jamais imaginasse estar escrevendo essas linhas, pois a sua inserção aconteceu como ativista e não como pesquisador. A obtenção de acesso a comunidade ocorreu a partir da autorização dos coordenadores da ocupação, posto que naquele momento de acirramento, as famílias estavam mobilizadas através de quatro barricadas nas ruas adjacentes que impediam o acesso, não só do contingente policial, como também de qualquer indivíduo que não fosse residente da ocupação ou não tivesse alguma relação com a comunidade. Antecipadamente, havíamos combinado com um amigo de longa data que estava apoiando esse processo de mobilização, sobre o nosso acesso a comunidade. Este amigo, desenvolvia duplo engajamento por meio da militância no PSOL-SE e também com o Movimento Não Pago, tendo inclusive, no ano de 2016, se candidatado a vereador.



(Imagem 2: autor desconhecido, 2013)

A passagem não foi só complexa e dificultosa devido à barricada. Mais do que uma estrutura física que barrava a invasão da polícia militar, havia uma barreira de significações que separavam dois grupos, dois universos. Naquele momento, com a relativa aproximação desses dois mundos, um mundo de ressignificação era construído. Enquanto o morador que nos recepcionou, gentilmente, fazia a retirada dos restos de móveis, pedaços de madeira e pneus

da barricada, havia em um plano abstrato, a desconstrução de uma barreira imaginária que nos impelia contra o desconhecido.

Enquanto transeunte, notava o trânsito de moradores que externavam o nervosismo decorrente de um evento como aquele. De maneira figurada, alguns deles pareciam caminhar em círculos, tamanha era a tensão do momento. Outros, andavam para um lado, e depois para o outro e não saiam dessa linha imaginária. Prossegui com a imersão pela comunidade e deparei-me com alguns jovens que estavam em cima de um dos muros que contornam a área onde a ocupação existiu. Alguns deles estavam de prontidão e seguravam barras de madeira ou de ferro; ficaram plantados observando a movimentação do comando da operação. Presentes e atentos, também estavam ativistas, sindicalistas e militantes de diversos grupos que atuavam e circulavam em organizações partidárias na capital sergipana, bem como o movimento estudantil, extremamente enraizado na Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Com a exaltação dos moradores revoltados, aquele micro espaço foi virando um verdadeiro caldeirão fervente. Por vezes sentíamos o peso e a vibração dos batiques – sem muita elaboração no desenvolvimento rítmico – nos escudos e armaduras confeccionados com a reutilização de tuneis de plástico, similares aos produzidos em Pinheirinhos², no estado de São Paulo, em idos de 2012. Outros moradores também utilizavam modelos de capacetes usados por motociclistas, máscaras de super-heróis de histórias de quadrinhos, outros com máscaras improvisadas, feitas com camisas ou com garrafas pet. Lembramos que a participação das mulheres foi significativa: muitas estavam também com barras de madeira nas mãos. As mulheres de mais idade, organizavam-se e participavam fazendo ecoar o coro com os gritos de ordem: “João Alves, eu quero ver, se você pode com o Novo Amanhecer!”.

² Pinheirinhos foi uma ocupação localizada no município de São José dos Campos-SP. Estima-se que 9 mil moradores residiam na comunidade até o ano da sua desocupação, em 2012.



(Imagem 3: Amanda Reis, 2013)

Sobre o aspecto da participação feminina na reintegração de posse, cito um fato interessante: uma senhora que ameaçou duas agentes do Conselho Tutelar com um facão, riscando-o no asfalto. As servidoras sugeriram levar as crianças da ocupação para um abrigo para garantir-lhes a integridade física e moral. Naquele momento, havia uma preocupação com a retirada das mulheres, principalmente as grávidas e também com as idosas e idosos. Porém, as servidoras não obtiveram êxito na proposta de retirada desses atores. A resposta dada por esta senhora em detrimento das sugestões foi clara e compreendida pelas servidoras e demais presentes.



(Imagem 4: Victor Balde, 2013)

Flaviano, um dos coordenadores da ocupação, relatou em um dado momento da reintegração de posse, ouviu um jovem adulto nas barricadas entoar: “venha agora que eu vou me vingar de tudo que vocês fizeram comigo, desde quando eu era pequeno, de todas as humilhações que vocês fizeram comigo [...]”. Lembrou ainda, que existiam pessoas que desempenhavam não só o controle de entrada e saída das pessoas nas barricadas, da mesma eram designados a controlar eventuais atos de violências dos moradores contra os policiais, já que muitos destes estavam exaltados. Atos que pudessem legitimar algum tipo de represália ou invasão por parte da política militar na ocupação, porque “[...] a tática de confronto com a polícia nesse momento de reintegração é deixar primeiro a polícia atacar, não a gente atacar [...]”.



(Imagem 5: Amanda Reis, 2013)



(Imagem 6: André Moreira, 2013)

Outro coordenador, Badá, fala a respeito da complexidade do contingente policial nas cercanias da comunidade. Ele nos conta que “[...] primeiro tinha o trator pra derrubar a barricada, depois o pessoal da Choque. Já estava ali já pronto pra invadir a ocupação. Só tava esperando o momento da ordem. O carro de bombeiro e mais atrás lá na na praça ao lado onde tá sendo construído agora... Eu creio que seja uma praça, estava lá todo o restante do aparato policial. E que que... Mais bombeiro, SAMU [...]”. Esses detalhes são reforçados

na fala de Flaviano, quando ele coloca que “[...] todo a aparato policial, todo o aparato de Estado, quatro divisões da polícia militar, mais de 100, 100, 100... 150, 200 policiais da Choque, várias delegacias, todo o esquema, né, de, de... Acho que faltou muita polícia no Estado naquele dia [...] porque aquela turma roubou a cena”.

Na continuidade do acesso a memória individual e coletiva, bem como da imersão despretenciosa em campo, obtive contato visual com algumas crianças que estavam com os rostos ocultos por meio de capuzes feitos com camisas. Essas crianças também estavam com o tórax despido e descalças, correndo para ambos os lados. Mulheres participavam de todo o processo, inclusive nas barricadas. Cães vira-latas perambulavam em meio ao povo, um deles bebia água de esgoto que corria pela rua, alguns desnorteados e amedrontados com o barulho, outros mais curiosos, se aproximavam das pessoas que ali se reuniam para avaliar a situação e tomar decisões: pareciam saber exatamente o que estava acontecendo e o que fazer para acabar com o problema.



(Imagem 7: Victor Balde, 2013)

Os profissionais da comunicação, por meio de emissoras de TV e de rádio, desenvolviam os seus respectivos trabalhos na busca pelo furo jornalístico e repasse de informações para os telespectadores e ouvintes. Além da ação

desses profissionais no fomento de registro daquele acontecimento, foi possível também observar a atuação de midiativistas que perambulavam pelas ruas em busca dos melhores registros nesse processo de resistência. Passaram a cristalizar por via de fotografias e vídeo, os rostos e corpos que ali expressavam todo tipo de sentimento decorrente de uma situação de tensão social.

Foi perceptível a presença de um grupo de homens vestidos de terno e gravata, e dentre eles lembrei-me de um, por tê-lo visto na TV por diversas vezes atuando como defensor público em circunstâncias de reintegração de posse. Alfredo Nikolaus é coordenador do Núcleo de Bairros e Movimentos da Defensoria Pública de Sergipe e naquele momento, em conjunto com outros experts da área do Direito, davam conta das negociações, de forma a estabelecer diálogo com o comando da polícia. Herculano, também coordenador da Ocupação Novo Amanhecer, fala da participação destes homens e agradece: “[...] primeiramente Deus que nos ajudou, cê entendeu, a todos nós que era 311 famílias... E depois teve, o, a interferência do governador, né... O governador em exercício que na época era Jackson Barreto, né, juntamente com os defensores, né, com a defensoria, Dr. Sérgio, né, Dr. Sérgio, Dr. Alfredo e teve muito mais outros que eu num me lembro do nome deles. Mas foram um corpo de uns 8 a 10, a uns 12 defensores que tiveram lá na época que foi, que correram atrás para poder nos ajudarmos [...] quando eu preciso do serviço da defensoria, eu procuro eles, que é Dr. Sérgio e Dr. Alfredo. [...] se não fosse, primeiramente Deus, e depois eles, a gente tinha sido um massacre lá”.



(Imagem 8: Cássia Santana, 2013)

Para implementar uma força de resistência que pudesse frear a ação do Estado, representado pelas forças de segurança pública, dentre elas, a Tropa de Choque da Polícia Militar de Sergipe, foi necessário se pensar no conflito de maneira logística. Um dos exemplos claro, foi a utilização de escudos e coletes confeccionados com material reciclado. A respeito desse trabalho desenvolvido previamente na comunidade, Badá explica: “[...] nós pegamos um veículo e fomos catando material pra fazer as barricadas, alguns deu pra fazer tipo colete, tipo uns escudos, pra poder nós se protegemos de acaso bala de borracha é... e várias outras coisas que ele iam usar [...] tanto como cassetete como bala de borracha [...] algumas pessoas que teve essa criatividade de fazer esses escudo e esses coletes. E os coletes, eram com material reciclado e... Os escudo era com “tunéis” de plástico e também tinha as máscaras que a gente botava pra se proteger do gás, que era com garrafa pet [...]”. Ainda sobre esse processo, Herculano, quando interpelado, nos respondeu sorrindo: “Olha... isso aí eu vou deixar um ponto de interregação, porque, é... Como é que se fala... É um ato nosso e a gente não pode ficar revelando [...]”.



(Imagem 9: Pedro Alves, 2013)



(Imagem 10: autor desconhecido, 2013)

Flaviano, também nos forneceu detalhes, principalmente demonstrando o sentimento latente de extrema preocupação por partes dos indivíduos aqui observados: “[...] oficina montada pela própria comunidade, pelos, pelos próprios moradores, né, que, que... É... Autonomamente realizaram parte do trabalho e a outra parte alguns voluntários que compareceram na ocupação explicaram como fazia e tal e tal [...] e a gente tava com todo uma preocupação com as crianças,

principalmente porque eram muitas, né, e as mães tiveram uma decisão meio... Meio dura, né, mas corajosa, de não permitir que o conselho tutelar ou qualquer autoridade tirassem as crianças de perto porque elas sabiam que estava lutando pelos seus filhos [...].

Por estar dentro das barricadas, em meio a mobilização e agitação, pude sentir também o nervosismo circunstancial, principalmente quando observei a aproximação de um helicóptero e a movimentação da Cavalaria da Tropa de Choque, que deslocava-se para mais duas ruas ao lado da ocupação (também vias de acesso), mas que naquela altura estavam bloqueadas com barricadas e moradores exaltados. O helicóptero que também era da PMSE, passou a sobrevoar a área da ocupação em círculos e depois em “8”. Nos primeiros sobrevoos do helicóptero, os moradores ficaram mais inflamados e passaram a fazer gestos obscenos em direção a aeronave, que logo depois passou a fazer rasantes.



(Imagem 11: Amanda Reis, 2013)



(Imagem 12: Amanda Reis, 2013)

No desenvolvimento do trabalho de campo e na busca por depoimentos que evidenciassem informações e dados consistentes acerca da memória e narrativas da ação coletiva aqui estudada. Considerando isso, procurei compreender essa dinâmica através da ótica dos moradores dos conjuntos de casas nas adjacências da antiga área da ocupação, como é o caso Josefa Neide, residente no local, que nos contou como foi a sensação de ter um barricada e uma comunidade efervescente a vinte metros de sua casa: “[...] nós teve medo mais de ter tiroteio, acontecer de uma bala perdida pro lado de cá, meu menino só gosta de tá aqui na rua [...]”. Nessa mesma entrevista, que considero bastante conflituosa e confusa, o personagem de Josefa apareceu como uma icôgnita. Por hora ela defendia a luta pela moradia e a presente ação coletiva observada, por hora ela recriava e mostrava incômodo. Demonstrou uma proximidade com realidade por ter, como contou, vivenciado o mesmo. Porém, distanciava-se quando se colocava enquanto uma mulher comerciante, responsável pelo seu próprio negócio, possuindo uma vida relativamente estabelecida.

Uma das grandes inquietações que emergiram no transcorrer das entrevistas com os coordenadores da presente ação coletiva estudada, era se os atores sociais observados se utilizaram de armas de fogo para manter a mobilização e a resistência da comunidade. O coordenador Flaviano, demonstra

a imensa dificuldade que era ter o controle das pessoas e, nesse sentido, pontua: “a gente não tinha como fazer revista das pessoas pra que elas entrassem na... A gente conseguiu cercar a área, né, com arame farpado, definiu quatro entradas, inclusive, de segurança e não conseguíamos ter, ter... Infelizmente! Seria até bom se conseguisse... Uma ação de revista em todos os moradores que entrassem pras suas casas, pros seus barracos. Não! A gente não tinha como ter qualquer grau de responsabilidade sobre o que portava cada um dos moradores e de que forma guardavam, né, então, naquele momento, a gente tinham alguns elementos que nos deram segurança. O primeiro deles era confiança de que todo mundo ia encaminhar o que fosse decidido coletivamente [...] não tenho como assegurar tanto que tinha, quanto que não tinha. O que eu tenho como assegurar é que nunca fez, em nenhum momento, parte da tática do movimento qualquer iniciativa armada. Todas as iniciativas que foram trabalhadas pelos moradores foram trabalhadas no tom da resistência e da passividade”.

Em específico, no caso dessa questão de uma mobilização popular com o emprego de armas de fogo, fica claro como os princípios que norteiam e normatizam uma sociedade influencia e molda o pensamento dos seus cidadãos. Simbolicamente, o ato de portar uma arma, para a maior parte dos indivíduos de uma sociedade convencional, representa um ato que coloca à prova o caráter de uma pessoa e acaba atribuindo-lhe um aspecto violento. O que observamos, em todos os depoimentos, é que de alguma maneira as lideranças do movimento não se comprometeram com esta suposição e, evidentemente, o meu intuito com essa relação não foi buscar a confirmação da suposição, mas sim entender como e de que forma que os atores observados na presente pesquisa pensavam a respeito do uso de armas de fogo frente a processo de reintegração de posse.



(Imagem 13: Victor Balde, 2013)



(Imagem 14: Pedro Alves, 2013)

O que considero uma participação observante, termina antes mesmo do fim do processo de reintegração de posse e por isso, a partir destas linhas, a

resolução do conflito passa a ser lembrado apenas pelos atores sociais que foram observados na presente pesquisa. Contudo, antes, sinto que devo sublinhar alguns apontamentos acerca do desfecho deste episódio. A minha saída da Ocupação Novo Amanhecer se deu por volta das 11h00min e o que foi possível de perceber: que os ânimos ainda se encontravam exaltados pelas partes envolvidas. Porém, quando aplicada a etnografia do ciberespaço como forma de obtenção dos dados imbricados entre esses agentes e a internet, tornou-se possível entender o que aconteceu no momento posterior a minha saída.



(Imagem 15: Victor Balde, 2013)

O comando de operação da Polícia Militar, naquela altura, nada podia fazer a não ser posicionar-se, afinal, no local, os moradores estavam mobilizados e atentos, inclusive com a presença de crianças, gestantes e idosos. Os moradores, por sua vez, não retrocederam e aguardavam a invasão da tropa de choque da polícia. Esperaram, sem saber que o conflito terminaria sem confrontos e com uma vitória a favor do movimento. A partir do horário de almoço, ocorre um processo de desmobilização gradativa, por parte dos policiais, quando ainda no turno da tarde o Coronel Jackson Nascimento, responsável pela operação, se dirige pessoalmente a uma das barricadas para comunicar os moradores sobre a suspensão da reintegração de posse. E ao que foi exposto através das redes sociais, é que essa suspensão ocorre a pedido do Governador do Estado – em exercício – Jackson Barreto (PMDB-SE). O coordenador Diego Sales, relembrou a sensação ao se sentir confinado em meio

a organização do cerco policial nas entradas e saídas da ocupação, e a recompensa de ter resistido: [...] o final foi uma vitória pra gente. Num teve um que não chorou, porque foi muito grande. A gente saber que tinha um helicóptero com três, quatro policial em cima, que na frente da gente tinha um trator... Muita policia! A gente olhava pra outra rua, mesma coisa; parecia que a gente era um bando de marginal. Parecia que a gente tava num presidio. Porque a quantidade de policial foi grande. [...] eles viram que não ia conseguir. Eles queria evacuar as criança e os idosos pra pegar o restante e fazer o que queria. Mas na verdade a gente conseguimos. Conseguimos e foi uma vitória muito, muito grande”.



(Imagem 16: Victor Balde, 2013)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito na grande relevância das avaliações e diagnósticos promovidos, no que concerne a essa relação entre os atores sociais observados nesta pesquisa e a relação com o ciberespaço. É com efeito, que a publicização de uma agenda organizacional e do repertório de ações da Ocupação Novo

Amanhecer através do Facebook, Youtube e Blogger, potencializou a visibilidade do grupo em questão. Foi interessante averiguar a construção de um fórum híbrido, onde indivíduos que não possuíam capital econômico, cultural, social e simbólico, pudessem organizar, com o auxílio de profissionais engajados das camadas médias, relações de poder não institucionais, de modo a reafirmar a compreensão de um fazer político detentor de uma gramática bastante singular em relação ao panorama dos movimentos sociais que atuam em Sergipe. É importante sublinhar, que o desenvolvimento de uma arena pública, com a participação de atores sociais experts (advogados, defensores, jornalistas, fotógrafos e etc.) face a um evento de ruptura e extrema tensão social, provocou nas forças institucionais um efeito distinto daquele que se observa em processos de reintegração de posse e do uso da violência institucionalizada.

No mais, fica o questionamento no que concerne ao nosso papel enquanto cientistas sociais de pesquisas engavetadas, se devemos ou não intervir de algum modo para a intermediação do campo de exercício do poder e na potencialização das vozes silenciadas. Afinal, de que serve a nossa postura inter, trans e pluridisciplinar, se os grupos sociais que estamos pesquisando não tem acesso a nossa linguagem? Sem dúvida, precisamos extrapolar os muros das universidades e considerar que, no que se refere a situação sócio econômica do Brasil, possuímos índice alarmante de analfabetismo. Sendo assim, de que maneira podemos conceber, por exemplo, a leitura, por parte dos nativos, de um texto acadêmico verborrágico, que é direcionado a restituição? Por esse ângulo, o uso das narrativas fotográficas e videográficas vão para além de um recorte antropológico de materialização e análise da realidade, mais do que isso, essas imagens se tornam espaços coletivos e dialógicos de resignificação. Ora, se o conhecimento não serve para causar rupturas, então para que(m) serve o conhecimento?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo R. Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997

CAIUBY NOVAES, Sylvia. A Construção De Imagens Na Pesquisa De Campo Em Antropologia. Iluminuras, Porto Alegre, v.13, n.31, p.11-29, jul./dez. 2012.

CEFAÏ, Daniel. Pourquoi se mobilise-t-on?: Les Theories de L'action Collective. Paris, La Decouverte, 2007.

Elias, Norbert: Os estabelecidos e os outsiders – sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade/Norbert Elias e John L. Scotson; tradução, Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Siissekind; apresentação e revisão técnica, Federico Neiburg. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GOHN, Maria da Glória: Teorias dos Movimentos Sociais – Paradigmas clássicos e contemporâneos. Paradigmas clássicos e contemporâneos. 6ª Ed. São Paulo. Ed. Loyola, 2007 b.

GODOLPHIM, Nuno. A Fotografia Como Recurso Narrativo: Problemas Sobre A Apropriação Da Imagem Enquanto Mensagem Antropológica. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. Presses Universitaires de France, Paris, França, 1990.

KOZLOFF, Max. A subjetividade; a fotografia e suas múltiplas leituras. In: COLÓQUIO LATINO-AMERICANO DE FOTOGRAFIA, 2. Feito na América Latina. 1986.

MASCLET, Olivier: Bairro sem voz. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 1. pp. 61-80. Junho de 2006.

NONJON, M., Professionnels de la participation: savoir gérer son image militante, Politix 2005/2, n° 70, p. 89-112.

PIENIZ, Mônica. Novas configurações metodológicas e espaciais: etnografia do concreto à etnografia do virtual. Revista Elementa. Comunicação e Cultura. Sorocaba, v.1, n.2, jul/dez 2009.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. ECKERT, Cornelia. Imagem Recolocada: Pensar A Imagem Como Instrumento De Pesquisa E Análise Do Pensamento Coletivo. Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre,. N. 3 (2001), 12 p.

SAMAIN, Etienne. Antropologia de uma imagem "sem importância". ILHA - Florianópolis, v.5, n.1, julho de 2003, p. 47-64.

SEGATA, Jean. Entre Sujeitos: O Ciberespaço e a ANT. Rastros, v. 2, p. 78-92, 2009.

TOURAINÉ, Alain. Na Fronteira dos Movimentos Sociais. Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, n.1, p. 17-28, jan./abr. 2006.

INFONET. TRE cassa mandato do deputado federal João Daniel. <<http://www.infonet.com.br/politica/ler.asp?id=180256>> Acesso em: 09 de abril de 2016.

JORNAL DA CIDADE. Contra crise, Prefeitura de Aracaju corta 50% dos Cargos de Comissão. < <http://www.jornaldacidade.net/noticia-leitura/227/92267/contracrise,-prefeitura-de-aracaju-corta-50-dos-cargos-de-comissao-.html#.VnRmsfkrLIU> > Acessado em: 19 de dez. de 2015.

UOL. Imagens do Dia. < > Acesso em: 12/01/2016

OUTRAS PALAVRAS. Arquitetura hostil: as cidades contra seres humanos. < <http://outraspalavras.net/posts/arquitetura-hostil-as-cidades-contra-seres-humanos/> >

Acesso em 25 de julho de 2015

Página do Movimento Terra Livre no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/TerraLivreCampoCidade?fref=ts>> Acesso em 10 de agosto de 2014.

Página da Ocupação Novo Amanhecer no Facebook. Disponível em: < <https://www.facebook.com/pages/Ocupa%C3%A7%C3%A3o-Novo-Amanhecer/243578619116743>> Acesso em 11 de agosto de 2014.

REDE EXTREMO SUL. Resistência e enfrentamento: Força à Ocupação Pinheirinho. < <https://redeextremosul.wordpress.com/2012/01/13/resistencia-e-enfrentamento/> > Acesso em 25 de julho 2015.

MASSA CINZENTA. Minha Casa Minha Vida não contém déficit habitacional. Disponível em: <http://www.cimentoitambe.com.br/minha-casa-minha-vida-deficit-habitacional> Acesso em 29 de março 201.